

A ATUAL SITUAÇÃO DO CAMPO DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Jociney Rodrigues dos Santos (UFRJ)

Infelizmente, ao falarmos que adotamos como campo de estudos o de LIB (Línguas Indígenas Brasileiras). A maioria das pessoas nos respondem: "quer dizer que você estuda Tupi-Guarani", e isso se deve ao fato desta língua ter sido falada ao longo da costa brasileira. Por isso, teve um grande impacto sobre a língua portuguesa falada no Brasil. Infelizmente, esta é a assertiva que mais ouvimos por termos adotado um área de trabalho pouco incentivada, divulgada, complexa e de árdua pesquisa. Com isso, a elaboração deste trabalho é crucial para o melhor entendimento, entenda-se que a pesquisa científica - aqui envolvida - é "lingüística", não só deste campo de pesquisas, mas para a conscientização de que há, assim como as nossas, várias línguas em estágios de extinção, e que o extermínio total não é um problema simplesmente da flora e da fauna mundial.

Ao citar C. F. Hockett - "...língua, a mais valiosa de todas as riquezas que o gênero humano possui.", lembramos que apesar deste valor infinito, existem, na atualidade milhares de línguas em vias de extinção. Já é realidade entre os lingüistas mundiais que a diversidade lingüística da Terra, está, a cada dia, numa aceleração progressiva, quanto a sua ameaça. Todo este desespero é causado pelos grupos majoritários, que percebendo ou não impõem as populações minoritárias o seu domínio, principalmente através de sua língua. Logicamente, sabemos que o problema do domínio não um assunto exclusivo de nossa atualidade, haja vista o caso do "romanos", que impuseram sua língua, e contribuíram indiretamente para o surgimento de outras. Todavia, o problema atual é mais grave, pois língua dominada não se transforma, mas torna-se, quando ágrafa, extinta.

Segundo o "Atlas das Línguas do Mundo" publicado por cientista britânicos em 1994, há uma queda incrível no número de línguas faladas no mundo. O Atlas indica que das, estimadamente, 6.000(seis mil) línguas faladas no planeta neste momento, cerca da metade se fará extinta numa projeção de apenas um século. Há, também, a estimativa de que das 3.000(três mil) línguas que sobrevivam a este extermínio, estejam em um estágio inexorável de extinção no século vindouro. O quadro formulado pela "Associação Americana para o Progresso das Ciências", divulgado em 1995, é ainda mais catastrófico, e faz a previsão de que até 95% (noventa e cinco por cento) das línguas existentes no mundo atual estejam "mortas ou moribundas" durante o próximo século. Restariam, então, cerca de 300(trezentas) das atualmente existentes, num extermínio total de 5.700(cinco mil e setecentas) línguas extintas.

Quanto as Línguas Indígenas Brasileiras, tal estimativa, criada pelo Atlas das Línguas do Mundo e pela Associação Americana para o Progresso da Ciência, não é diferente, já que como descreve Rodrigues (1993), das 1.300(mil e trezentas) línguas faladas em nosso país no período de descoberta, apenas aproximadamente 180(cento e oitenta) existem em nosso dia-a-dia, o que perfaz um total de mais de 1.100(mil e cem) línguas extintas, ou seja, cerca de 86%(oitenta e seis por cento) do total existente inicialmente foi aniquilado.

O campo das LIB é muito um pouco investigado em termos de análise científica em nosso país. Para se ter a noção exata sobre qual é a atual situação desta área, apenas, aproximadamente, 50(cinquenta) línguas estão sendo atualmente pesquisadas por estudiosos, o que corresponde a menos de 30%(trinta por cento) das línguas indígenas existentes no Brasil. Tal índice negativo se deve as dificuldades existentes em relação à pesquisa científica no país.

Um panorama abrangendo de forma superficial o que se deve conhecer para ser um estudioso na área, será divulgado nas próximas linhas desta, digamos, abordagem introdutória aos estudos das LIB.

Primeiramente, é essencial que fique claramente expresso que, aqui, se trata de um campo de estudos de dedicação para uma vida, pois a descrição de uma língua, assim como esta merece, é fruto de anos de investigações, e não, como vários que pensam em entrar para a área, de uma coleta de dados obscuros e a elaboração de uma gramática que não tem nada a dizer.

Primeiramente, a apresentação dos principais troncos e famílias, assim como a identificação dos principais locais onde há cientistas trabalhando em pesquisas de LIB.

Storto (1996), baseada em Rodrigues (1993), que descreve a existência de 41 (quarenta e uma) famílias lingüísticas separadas, elabora um quadro com os 5 (cinco) principais grupos e a, respectiva, distribuição geográfica de cada um, que são:

1. Tronco Tupi \Rightarrow sul do rio Amazonas, nas zonas interfluviais, no estado de Rondônia, mas, também, no alto Xingú. Rios Tapajós e Madeira. A família Tupi-Guarani ocupou toda a costa leste do Brasil, é e, também, representada em outros países da América do Sul, como Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina.
2. Tronco Macro-Jê \Rightarrow savanas do norte e do sul - regiões centrais do país.
3. Família Karib \Rightarrow principalmente no norte do rio Amazonas, mas, também, ao longo do médio e baixo rio Xingú.

4. Família Aruak \Rightarrow noroeste e oeste do Brasil, e, também, no alto Xingu.
5. Família Pano \Rightarrow oeste do Brasil, principalmente no estado do Acre, mas, também, no sudoeste do estado da Amazonas.

Os estudos das LIB de caráter lingüístico só tiveram impulso a partir da década de 50 (cinquenta), pois, anteriormente, os trabalhos feitos, em sua maioria não contribuíram para o interesse lingüístico, já que os pesquisadores não possuíam treinamento nesta área.

Em 1956, com a entrada do SIL (Summer Institute of Linguistics, na atualidade Sociedade Internacional de Lingüística, segundo Rodrigues (1999), para enfrentar certas resistências no Brasil) incentivada pelos antropólogos brasileiros: L. de Castro Faria e D. Ribeiro, esta instituição missionária norte-americana, cujo o intuito principal é a tradução da Bíblia, e para tal fim faz o treinamento de seus membros para que documentem e analise lingüisticamente das línguas. O SIL, com o apoio do Museu Nacional, obteve autorização para trabalhar com um número cada vez maior de nações indígenas brasileiras. A pesquisa elaborada pelo SIL conseguiu cobrir pouco mais de 40 (quarenta) línguas até a segunda metade da década de 70 (setenta), quando o convênio com o Museu Nacional foi desfeito. O trabalho do SIL foi inicialmente publicado conjuntamente com o Museu Nacional, e *a posteriori* através de publicação própria.

Outras duas organizações missionárias norte-americanas, que precederam o SIL no Brasil, e evoluíram concomitantemente a esta, são a MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) e as Novos Tribos da Amazônia. Tais instituições utilizam-se de análises lingüísticas para a elaboração de seus trabalhos. A Novas Tribos da Amazônia, apesar de trabalhar com mais ou menos duas dezenas de línguas, quase não contribui para o conhecimento destas línguas, já que não divulga ao público os resultados da documentação e análise feitas. A MEVA, embora não publique os seus resultados, não impede aos seus membros de se utilizarem de suas pesquisas para a divulgação científica.

Na atualidade os principais centros de estudos das LIB são:

1. Museu Nacional \Rightarrow localizado na Quinta da Boa Vista na cidade e no estado do Rio de Janeiro, possui um Setor de Lingüística, que funciona dentro do Departamento de Antropologia. O Museu Nacional tem uma grande tradição na pesquisa lingüística e antropológica de nossas LIB. O Setor adquire um arquivo considerável das línguas e culturas de diversas comunidades indígenas. Há oferecimento do Curso de Especialização em Línguas Indígenas Brasileiras, que treina pesquisadores para o trabalho de investigação das línguas existentes. Na atualidade os

pesquisadores envolvidos no estudo das LIB são: Márcia Dámaso Vieira, Marcus Maia, Marília Facó Soares, Yonne Leite, Bruna Franchetto e Charlotte Emmerich.

2. Museu Emílio Goeldi \Rightarrow localizado na cidade de Belém, no Estado do Pará, possui uma Divisão de Lingüística que tem como objetivo, segundo Storto (1996), a criação de um grupo seletivo de estudantes para o estudo da LIB, no que concerne a análise e descrição lingüísticas destas, além de trabalhos de campo com o desenvolvimento da ortografia, formação de professores indígenas, etc. O responsável por tal seriedade do Museu é o lingüista Denny Moore.
3. UnB (Universidade de Brasília) \Rightarrow localizada na capital federal, o departamento oferece graduação em Lingüística com uma especialização em LIB. O responsável pela área na faculdade é, agora professor aposentado, Aryon Dall'Igna Rodrigues, que é o maior especialista em LIB do Brasil.
4. UNICAMP (Universidade de Campinas) \Rightarrow localizada na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, oferece um programa de qualidade no estudo das LIB. Várias línguas têm sido estudadas no Projeto Xingú, que é coordenado pela pesquisadora Lucy Seki.

O treinamento de um lingüista especializado em LIB é árduo, por quê?

O interessado deve ser apto a trabalhar nas seguintes partes da gramática para que consiga fazer uma descrição adequada dos dados colhidos. As partes são:

1. Fonética: os elementos para reconhecimento da produção fonética dos falantes da língua devem ser cuidadosamente coletados para que não haja incorreções nas análises subseqüentes.
2. Fonologia: após o trabalho de transcrição fonética, deve-se constituir o sistema fonológico da língua.
3. Morfologia: o estabelecimento das formas da língua com seus significados é essencial para a pesquisa.
4. Sintaxe: a estrutura da ordem vocabular da língua é primordial para que esta seja falada "corretamente".

Sabe-se que existem mais partes importantes, mas, sem estas, é impossível fazer um trabalho adequado e merecido pela língua. Não se quer, também, fazer uma exaustiva descrição das partes a serem estudadas.

A pesquisa de campo é uma atividade exaustiva. Mas que fatores tornam a pesquisa tão árdua? Alguns dele são:

1. O indivíduo tem de deixar o seu lar por 1(um) ou 2(dois) meses para efetuar a sua investigação;
2. O período de ambientação na comunidade indígena é lento e difícil;
3. A procura por um informante adequado não é uma tarefa fácil, pois, primeiramente, devemos observar os aspectos físicos, por exemplo: a dentição para que não haja ruído na produção fonética;
4. O informante, às vezes, para a facilitação do pesquisador atribui uma ordem SVO, igual a do português, enquanto a língua possui um padrão SOV. Tal fator ocorreu com Marcus Maia em sua pesquisa, o que causou uma incorreção em todos os dados colhidos;
5. Dormir no meio do mato, exposto aos perigos, é um problema para muitos dos interessados no campo.

Logicamente, existem maiores questões, mas, para isso, leia o trabalho do professor Roberto da Matta denominado Relativizando.

A superficial descrição do campo é apenas uma introdução ao estudo científico das Línguas Indígenas Brasileiras. Maiores leituras poderão ser feitas ao se consultar a bibliografia final.

A atual situação das LIB é uma triste figura, mas temos a crença que poderá melhorar nos próximos anos devido ao esforço feito por vários pesquisadores do campo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BOBALJIK, John David; PENSALFINI, Rob & STORTO, Luciana. *Papers on language endangerment and the maintenance of linguistic diversity*. Cambridge : MIT, 1996. (The MIT Working Papers in Linguistics - 28)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11ª ed. 2ª impressão. volumes 1 e 2. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1976.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3ª ed. São Paulo : Perspectiva, 1992. (Debates - 115)
- MAIA, Marcus. *O projeto do dicionário enciclopédico da língua, da cultura e da história Karajá*. Rio de Janeiro : Museu Nacional/UFRJ, 1999. Manuscrito.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2ª ed. São Paulo : Edições Loyola, 1994.